



Resenha de: FERREIRA, Tânia Bessoni da Cruz; MARTINS, Ismênia de Lima e RIBEIRO, Gladys Sabina (orgs). *O Oitocentos sob novas perspectivas*. São Paulo: Alameda, 2014.

O Oitocentos sob novas perspectivas

Rodrigo da Silva Goularte

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)
rodrigogoularte@hotmail.com

O Oitocentos sob novas perspectivas – coletânea de artigos selecionados entre as comunicações apresentadas no seminário do Centro de Estudos do Oitocentos (CEO) em 2013 e reunidos pelas historiadoras Gladys Ribeiro, Ismênia Martins e Tânia Ferreira – apresenta pesquisas sobre temáticas relativas ao “longo século XIX”, período delimitado entre meados do setecentos e as primeiras décadas do novecentos¹. Publicado em 2014, boa parte dos textos do livro é de então pós-graduandos, portanto, pesquisas em andamento que apontam para novas descobertas no referido recorte temporal e que apresentam novos ângulos de abordagem. Por outro lado, historiadores(as) consagrados(as) também marcam a obra com suas produções.

Os artigos foram reunidos pelas organizadoras em quatro eixos temáticos: I - Economia (“Os mundos dos negócios e do trabalho”), II - Poder (“O jogo da política e a diplomacia”), III - Saberes (“Ciências e Letras”) e IV - “Culturas e sociabilidades”. Na primeira parte são apresentadas investigações relativas à escravidão, a trajetórias individuais, transporte e abastecimento. Na seção II, as reflexões se dedicam a tratados diplomáticos, negociações políticas e circulação de ideias. Na subdivisão III, a instrução, as memórias e a saúde são discutidas no contexto do oitocentos. Na parte final, a produção artística, a diversão e o gênero são os protagonistas.

Antes de apresentar com maiores detalhes cada um desses eixos temáticos, é preciso destacar que a coletânea, além de ser um esforço para abordar as diferentes dimensões do social, também leva em conta a diversidade regional brasileira, extrapolando a análise apenas do eixo Rio-São Paulo. No livro, encontram-se reflexões sobre regiões distantes desse núcleo político-econômico, como Pernambuco, Pará e São Pedro do Rio Grande. Também

regiões próximas daquele eixo, mas que nem sempre se destacam na historiografia brasileira sobre o oitocentos, como é o caso do Espírito Santo, província – depois estado, na República – vizinha do Rio de Janeiro.

Passando à exposição de cada um dos eixos temáticos, o primeiro deles – *Os mundos dos negócios e do trabalho* – destaca essa diversidade de abordagens regionais. Gravitando em torno dos polos temáticos *escavidão e redes mercantis*, as discussões dessa seção levam mais longe a diversidade de abordagens do local, não privilegiando a região centro-sul do Brasil oitocentista, mas, pelo contrário, discutindo localidades como Bahia, Pernambuco e Pará. Os artigos dessa primeira parte também se destacam por discutirem assuntos econômicos de forma dialógica com as trajetórias individuais.

Dito de outra forma, os números ganham cara, nome e ação. As oscilações de forças impessoais (“o mercado”, “circuitos mercantis”, “produção”) não protagonizam essas discussões; ao contrário, as análises vão desde a participação de cativos nos circuitos de abastecimento (como pode ser percebido no primeiro artigo da brochura, *Economia escrava e abastecimento agrícola de uma região da Bahia – século XIX*, de Alex Costa) até a atuação dos grandes comerciantes (*Os negociantes de grosso trato no Recife*, de Bruna Iglezias), passando por pequenos comerciantes não escravos. O comércio e os negócios, na primeira seção, portanto, surgem como uma janela por meio da qual é possível contemplar todo um contexto social. Essa possibilidade analítica fica bem clara no artigo *Porto, navegação e artigos importados em Belém, 1840-1870*, em que a autora, Mábila Sales, estuda os laços da localidade com os portos estrangeiros “[...] como via para pensar as navegações como propiciadoras de trocas não somente comerciais, mas culturais, a partir das novas práticas e releituras da realidade para a qual a província dava seus primeiros passos”²².

De todos os artigos da primeira unidade da obra, *Circuito de integração regional: a Estrada de ferro Campos-Carangola no século XIX*, de Walter Pereira, é o que mais se aproxima de uma história econômica estrita. Nesse artigo, as interações econômicas regionais protagonizam as discussões. O último texto da seção (*Forros, escravos e engajamentos no mundo do trabalho marítimo no Atlântico luso*, de Jaime Rodrigues), entretanto, coroa o esforço de uma história econômica que não apaga as trajetórias individuais, que traz para a cena os sujeitos e grupos que movimentam os circuitos econômicos. A primeira parte de *O Oitocentos sob novas perspectivas* é bem-sucedida ao apresentar essa história econômica que não se desvincula das demais dimensões do social, preenchendo as análises econômicas com as trajetórias de homens e mulheres, das classes dominantes e das dominadas, que movimentaram os circuitos econômicos.

Na seção seguinte – *O jogo da política e a diplomacia* –, o destaque vai para as tramas do poder no Império brasileiro, da afirmação desse sistema político aos primeiros sinais de sua ruína. Diferente da unidade anterior, esse segundo conjunto de artigos deixa as esferas locais para lançar um olhar mais geral sobre o Brasil oitocentista. Matiza esse olhar o último texto

do seguimento, *A ordem ameaçada: linguagens e ideias republicanas na crise da monarquia no Espírito Santo*, de Karulliny Vianna. Aqui fica a sugestão de que um espaço maior para as dinâmicas políticas locais enriqueceria essas discussões sobre os jogos do poder no Império brasileiro. Conforme Maria Fernanda Vieira Martins, para o entendimento da formação do Estado brasileiro no dezenove, é preciso compreender

[...] quem são essas elites locais, como atuaram, quais eram os alinhamentos políticos e os projetos específicos que se desenvolviam e se debatiam nos diferentes órgãos e autoridades provinciais [...]. Para avançarmos nesse debate, creio, a historiografia brasileira precisa abandonar essa tradicional visão das províncias como áreas periféricas e conceder à dinâmica política regional o seu devido protagonismo, particularmente naqueles momentos em que esteve em jogo a afirmação da autoridade central e a consolidação da unidade territorial³.

Tomando um rumo diferente do indicado por Martins, as análises da segunda unidade da obra aqui discutida concentram-se nos discursos, nas negociações e nos debates políticos nas instâncias do Estado Imperial brasileiro: parlamento, a coroa, a diplomacia... Além disso, sobra pouco espaço, nas análises, para os indivíduos não envolvidos diretamente com a “grande política”, a condução dos negócios de Estado. O artigo *Súplicas a Vossa Majestade Imperial*, de Elizabeth Sant’Anna, todavia, vai na contramão dessa tendência ao analisar demandas de diferentes segmentos sociais – imigrantes, clero, burocracia, comércio – endereçadas a D. Pedro II no contexto da Lei de Terras (1850). Aqui, a coroa e a legislação do período constituem pano de fundo para apresentar personagens nem sempre presentes nas altas esferas do poder no oitocentos brasileiro.

A “grande política”, tônica da segunda parte, no entanto, tem seu destaque nos artigos de Aline Pereira e Cristiane Marcelo, que tratam da diplomacia. Enquanto a primeira autora se dedica aos debates parlamentares relativos aos tratados brasileiros de 1825, 1826 e 1828, a segunda analisa a trajetória de Duarte da Ponte Ribeiro. São distintas opções analíticas que investigam a diplomacia brasileira na primeira metade do oitocentos do “lado de cá” das fronteiras brasileiras (Pereira) e “para fora” desses limites territoriais (Cristiane Marcelo). No estudo de Pereira, o enfoque está nas tramas e nos discursos políticos no parlamento brasileiro com relação aos tratados diplomáticos e os impactos desses acordos na nascente monarquia americana. Nessas falas e negociações políticas aparecem outras temáticas que vão além da diplomacia, como a relação entre os poderes imperiais, o comércio e a escravidão. Já na investigação de Cristiane Marcelo, o estudo da atuação do diplomata Ponte Ribeiro lança luz sobre como o Brasil era visto pelos demais Estados da América do sul. As análises das duas autoras, portanto, são complementares.

O já mencionado artigo que fecha a seção, escrito por Karulliny Vianna, por outro lado, destoa das análises políticas antecessoras. Não se dedica à esfera nacional, como os escritos de Pereira e Cristiane Marcelo, mas também não se volta para a trajetória de atores sociais

fora da “grande política”, como faz Elizabeth Sant’Anna. O destaque do estudo de Vianna está em se preocupar com a circulação de ideias em uma província fora do centro do poder imperial. Nesses termos, a autora se dedica à recepção de ideias e linguagens republicanas na imprensa do Espírito Santo a partir da década de 1870. Outro destaque para o texto de Vianna em relação aos demais artigos do livro ocupados com a esfera política: enquanto estes lançam mão de documentos oficiais, aquele utiliza periódicos.

O artigo de Vianna, por outro lado, se aproxima aos escritos de Aline Pereira e Cristiane Marcelo na medida em que também não se atém a trajetórias de indivíduos fora da “grande política”. Como já afirmado, o único artigo da Parte II que vai na contramão dessa perspectiva é o de Elizabeth Sant’Anna. Nesses termos, essa seção de *O Oitocentos sob novas perspectivas* é de maior proveito para os investigadores do século XIX interessados principalmente nos processos mais gerais do Estado brasileiro de então, e não nas tramas mais cotidianas, locais e externas às instituições políticas.

Na Parte III – *Ciências e Letras* –, o destaque está na circulação de ideias e saberes no universo luso-brasileiro do oitocentos. A contribuição dessa seção está em analisar, nesse contexto social, conceitos eruditos e não eruditos. Nesse sentido, é possível perceber a cisão dessa unidade em duas partes. De um lado, as análises se concentram nos diálogos entre as dimensões erudita e não erudita dos saberes, conforme os textos de Carla Gomes e Sebastião Franco. De outro lado, os artigos de Iara Lis e Paula Botafogo dedicam maior atenção aos saberes eruditos.

No texto *Periódicos, escolas e livros*, de Carla Gomes, são discutidas a instrução pública e a circulação de periódicos em São Pedro do Rio Grande do Sul na primeira metade do oitocentos, demonstrando a importância política desses escritos para a província e rebatendo a tese do analfabetismo generalizado dos habitantes da região. Franco, por sua vez, explica como se deu, na província do Espírito Santo, o enfrentamento – por parte de autoridades e habitantes em geral – dos surtos epidêmicos em meados do século XIX. Conforme o autor, “[...] os moradores preferiam recorrer a curandeiros por confiar neles, e só procuravam os médicos depois que o uso de remédios caseiros não surtia efeito, quando o mal já não tinha mais cura”⁴.

Na subdivisão da Parte III mais dedicada aos saberes eruditos, a seu turno, Iara Lis se ocupa (em *Apontamentos sobre a ilustração científica no mundo luso-brasileiro*) do desenho como

[...] uma espécie de saber federativo que permeava a sociabilidade culta. Surgia no cotidiano, na educação e no trabalho letrado [...] funcionava como mecanismo de poder da monarquia [...]. Entre 1750-1830, grosso modo, houve um processo de institucionalização do ensino do desenho [...]⁵

A análise de Iara Lis, portanto, centra-se nos usos do desenho entre acadêmicos (a exemplo dos naturalistas) e a alta burocracia no universo luso-brasileiro da virada do

setecentos para o oitocentos. Sendo assim, nesse mundo a ilustração era elemento de poder e de desenvolvimento econômico e científico. Completando essa preocupação com os saberes eruditos, por sua vez, está a discussão de Paula Botafogo sobre a memória construída por Mello Moraes a respeito de Soares Lisboa. O ensaio de Botafogo não se limita a percorrer a trajetória de Lisboa (partícipe na Confederação do Equador), mas discute também o nascimento da História como campo de conhecimento no século XIX sob os parâmetros do positivismo.

Os artigos da Parte III de *O Oitocentos sob novas perspectivas*, portanto, se complementam. Discutem os saberes eruditos e populares em suas aproximações, distanciamentos e imbricações, e em como eram instrumentalizados por governantes e governados.

A parte final do livro – *Culturas e Sociabilidades* –, por seu turno, trata das representações artísticas, divertimentos e festas no Brasil do início do dezenove e na virada desse século para o seguinte. Esses temas analisados nos artigos da seção servem como pontes para a investigação da esfera do político. Assim, a discussão que abre a Parte IV, *Um Gavroche no teatro*, de Giselle Nicolau, analisa a obra teatral de Arthur Azevedo no período de 1894 a 1898, como uma encenação do “[...] passado da república nascente, e o próprio presente [...]”⁶. No artigo, a obra de arte é pensada como fonte histórica para abordagem dos primeiros anos da República brasileira. Já no artigo seguinte, *Paradoxos carnavalescos*, de Eric Brasil, o carnaval do ano de 1891 é analisado por meio de descrições de jornais e imagens com a finalidade de estudar a participação feminina na esfera pública nesse momento. No ensaio final (*Dos divertimentos apropriados aos perigosos*, de Lídia Rafaela), são estudadas as festas no Recife na primeira metade do oitocentos. Em sua análise, a autora toca em temas como controle e tensões sociais, civilização e sociabilidades.

Se a Parte II do livro se dedicou à “Grande Política” (Diplomacia, debates parlamentares, ideias políticas em periódicos...), a parte final se atém à política na dimensão daqueles que estão alijados da condução do poder, em cargos de mando ou expressão da palavra escrita, como os periodistas. *O Oitocentos sob novas perspectivas*, portanto, se encerra contando histórias daqueles que acessavam o espaço público por meio das festas, peças teatrais e conversas. Um acesso que às vezes se fazia por meio do contraponto à ordem social e política, de forma física e simbólica. Não era à toa, portanto, que as autoridades dos Estados nascentes (monárquico e depois republicano) estavam atentas às maneiras de a população celebrar (ou esquecer) a vida, sendo os divertimentos “[...] combatidos e estimulados, e o equilíbrio nessa dosagem foi diretamente influenciado pela conjuntura do período”⁷.

Ao apresentar um conjunto de ensaios que vão em direção à diversidade geográfica, cultural, econômica e política do “longo século XIX”, Ferreira, Martins e Ribeiro contribuem para a divulgação de resultados investigativos produzidos em diferentes localidades brasileiras, o que matiza o olhar historiográfico sobre a realidade tão complexa da civilização luso-brasileira delimitada entre meados século XVIII e as primeiras décadas do XX.

Certamente, essa vastidão espacial e temporal ainda será objeto de novas discussões nas próximas décadas, mas a coletânea aqui discutida tem seu valor por reunir ensaios que são fruto de mudanças na historiografia brasileira dos últimos anos (boa parte delas encabeçadas por historiadores(as) como Gladys Sabina Ribeiro, Iara Lis Schiavinatto e José Murilo de Carvalho), que rompeu com chaves explicativas – como “crise do sistema colonial”, “ciclos econômicos” e “coronelismo” – que pelo menos até o final da década de 1980 balizavam as discussões sobre a realidade brasileira. *O Oitocentos sob novas perspectivas*, portanto, está no contexto dessa ruptura historiográfica, apontando para novas possibilidades de pesquisas sobre a História do Brasil.

Notas

¹ <http://www.seo.uff.br/index.php/home/quem-somos>. Acesso em 1º de março de 2015.

² SALES, Mábila Aline Freitas. “Porto, navegação e artigos importados em Belém, 1840-1870”. In: FERREIRA, Tânia Bessoni da Cruz; MARTINS, Ismênia de Lima e RIBEIRO, Gladys Sabina (orgs). *O Oitocentos sob novas perspectivas*. São Paulo: Alameda, 2014, pp. 53- 76. p. 54.

³ MARTINS, Maria Fernanda Vieira. “Das racionalidades da História: O Império do Brasil em perspectiva teórica”. In: *Almanack*. pp. 53-61, 2º semestre de 2012. Disponível em: <http://www.almanack.unifesp.br/index.php/~almanack/article/view/965>. Acesso em 15 de abril de 2011.

⁴ FRANCO, Sebastião Pimentel. “Surto epidêmico na Província do Espírito Santo (1850-1860)”. In: FERREIRA, Tânia Bessoni da Cruz; MARTINS, Ismênia de Lima e RIBEIRO, Gladys Sabina (orgs). *O Oitocentos sob novas perspectivas*. São Paulo: Alameda, 2014, p.p 277 -298. p. 288.

⁵ SCHIAVINATTO, Iara Lis. “Apontamentos sobre a ilustração científica no mundo luso-brasileiro – c. 1750 – 1820”. In: FERREIRA, Tânia Bessoni da Cruz; MARTINS, Ismênia de Lima e RIBEIRO, Gladys Sabina (orgs). *O Oitocentos sob novas perspectivas*. São Paulo: Alameda, 2014, pp. 231-248. p. 244.

⁶ NICOLAU, Giselle Pereira. “Um Gavroche no teatro: sociedade e cultura política na obra de Arthur Azevedo”. In: FERREIRA, Tânia Bessoni da Cruz; MARTINS, Ismênia de Lima e RIBEIRO, Gladys Sabina (orgs). *O Oitocentos sob novas perspectivas*. São Paulo: Alameda, 2014, pp. 301-321. p. 302.

⁷ RAFAELA, Lídia. “Dos divertimentos apropriados aos perigosos: organização e controle das festas e sociabilidades no Recife (1822-1850)”. In: FERREIRA, Tânia Bessoni da Cruz; MARTINS, Ismênia de Lima; RIBEIRO e Gladys Sabina (orgs). *O Oitocentos sob novas perspectivas*. São Paulo: Alameda, 2014, pp. 343-364. p. 345.

Referências Bibliográficas

FERREIRA, Tânia Bessoni da Cruz; MARTINS, Ismênia de Lima e RIBEIRO, Gladys Sabina (orgs). *O Oitocentos sob novas perspectivas*. São Paulo: Alameda, 2014.

MARTINS, Maria Fernanda Vieira. “Das racionalidades da História: O Império do Brasil em perspectiva teórica”. In: *Almanack*. p.53-61, 2º semestre de 2012. Disponível em: <http://www.almanack.unifesp.br/index.php/~almanack/article/view/965>. Acesso em 15 de abril de 2011.

<http://www.seo.uff.br/index.php/home/quem-somos>. Acesso em 1º de março de 2015.

Recebido em 27/04/2015

Aprovado em 09/05/2015